



Intrigas de família, jogos de poder e o avanço de poderosas forças adversárias põem em risco a existência de oligarquias e coalizões políticas, que guerreiam com todas as forças para manter o espaço de sobrevivência

# Reinos de tronos ameaçados

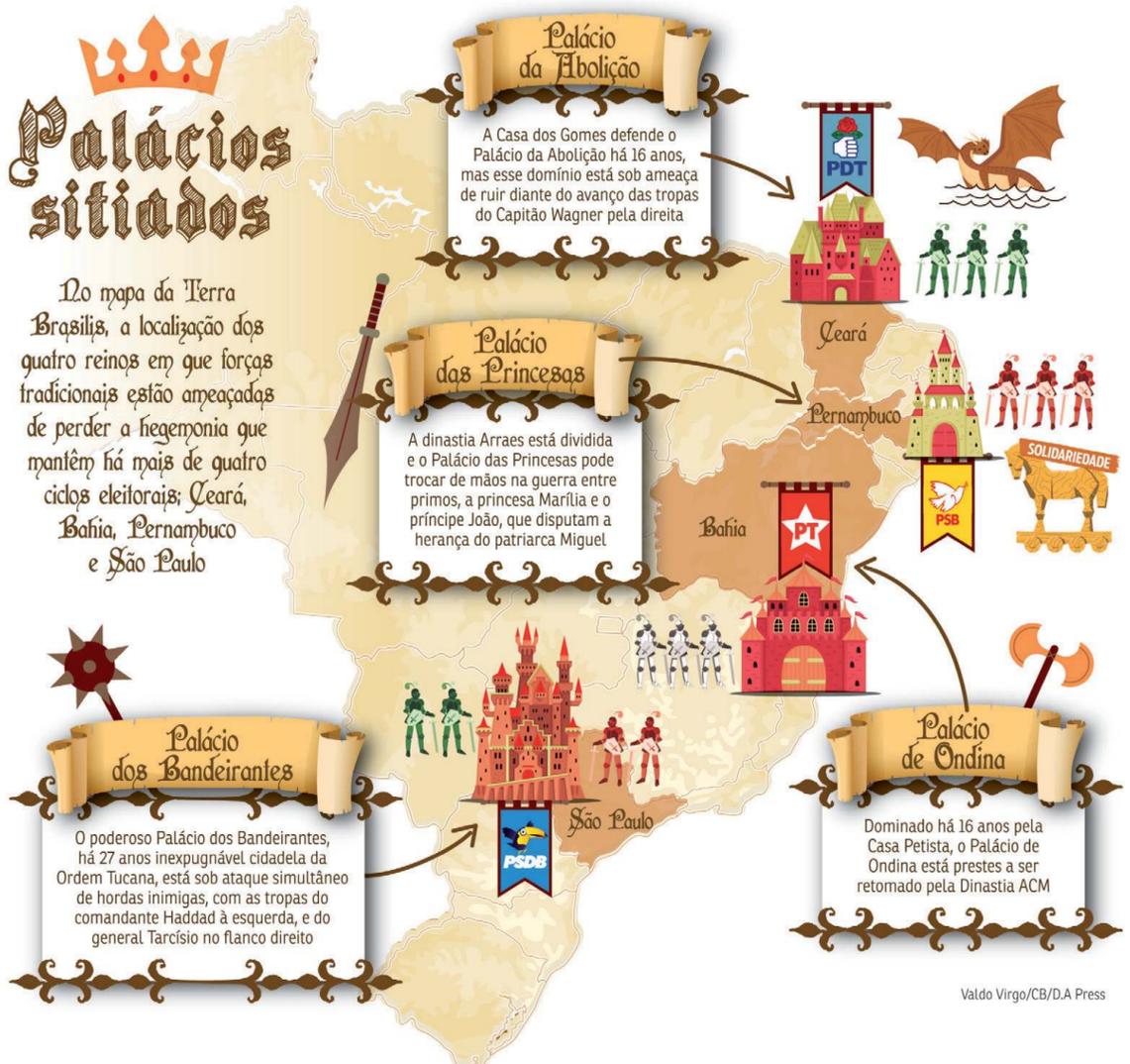
» VINICIUS DORIA

As dinastias mais longevas da política brasileira estão ameaçadas. A nove dias das eleições, disputas entre parentes, inimigos históricos e lideranças emergentes põem em risco a estabilidade de domínios que, até agora, mantinham-se fortes em torno de palácios tradicionais. Forças à esquerda e à direita aproveitam-se do cenário de desestabilização política para tentar expulsar das fortalezas os clãs que, há anos, controlam o poder em quatro

dos estados mais influentes desta terra chamada Brasil.

São três os palácios sob cerco adversário: da Abolição, nas terras do Ceará; de Ondina, na mística Bahia; e dos Bandeirantes, sede do mais poderoso trono da Federação. Em Pernambuco, a ameaça vem de dentro do Palácio das Princesas: na disputa entre primos, a hegemonia do clã dominante está sendo desafiada por uma herdeira insurgente.

O *Correio* consultou mapas, conselheiros e oráculos para contar, em breve resumo, essa versão abreviada da guerra dos tronos.



## Desidratação dos Gomes

Nas terras de Irapuã, Iracema e Tupã, como cantou o velho menestrel, a Casa dos Gomes está sob ameaça. Há 16 anos, a oligarquia mantém hasteada nas torres do Palácio da Abolição o estandarte petista da Rosa Púrpura, em aliança com os proletários da Estrela Vermelha do PT.

Nesse período, o Ceará tornou-se vitrine para o sonho de poder de Ciro Gomes, que nunca se contentou com os domínios regionais. Ele tenta, neste ano, alcançar o trono nacional pela quinta vez, sempre ancorado no controle que a família detém no Ceará.

Agora, porém, aproveitando-se de um racha no coração do poder local, um certo Capitão Wagner (União Brasil) organizou uma frente de oposição conservadora e, avançando fortemente pela direita, intensificou o cerco a Fortaleza, a cidade-sede do trono cearense. Pelos magos das pesquisas de intenção

de votos, a tomada do poder pela força emergente é uma possibilidade concreta.

Wagner escala pela direita as muralhas do Palácio da Abolição com 29% das intenções de voto, segundo o oráculo do Ipec, anunciado na última quinta-feira. No flanco esquerdo, estão as tropas lideradas por Elmano de Freitas, sob o estandarte dos ex-aliados da Estrela Vermelha, com 30%.

No alto da torre palaciana, vai ficando para trás o candidato ungido por Ciro Gomes, o ex-alcaide de Fortaleza Roberto Cláudio (PDT), que arregimentou 22% da preferência dos súditos, até agora. A batalha pela tomada do Palácio promete ser intensa até o dia 2, pois Wagner e Elmano estão tecnicamente empatados. O estado começa a refletir a polarização nacional entre o presidente Jair Bolsonaro e o petista Luiz Inácio Lula da Silva, além da desidratação de Ciro.

## Os Magalhães contra-atacam

Nas místicas terras da Bahia, é o estandarte petista da Estrela Vermelha que tremula no alto das torres do Palácio de Ondina há 16 anos. Agora, esse poder está sendo confrontado pelo ex-alcaide de Salvador, sucessor de um poderoso líder do passado, que conquista cada vez mais súditos em sua marcha para retomar o controle do estado.

ACM Neto (União Brasil) herdou do avô, Antônio Carlos Magalhães, não apenas o nome, mas a ambição de comandar os rumos do estado e influenciar as decisões nacionais. O ex-prefeito está arregimentando antigas

forças aliadas para marchar em direção ao palácio governamental e impedir que o atual mandatário, o governador Ruy Costa (PT), faça de Jerônimo Rodrigues (PT) seu sucessor.

De acordo com as últimas projeções, a vitória de ACM Neto talvez se estenda por mais de uma batalha. O oráculo do Ipec, consultado ontem, aponta a liderança de ACM Neto, com 47% — e chance de fechar a disputa ainda no primeiro turno — contra 32% de Jerônimo, que consegue reorganizar as linhas de defesa e tenta adiar a tomada do poder.

## A princesa rebelde

Palco de guerras sangrentas, invasões estrangeiras e insurreições, Pernambuco assistiu, nos últimos anos, a um jogo de intrigas e disputas familiares pelo trono do Palácio das Princesas. À sombra do mítico líder Miguel Arraes — cuja imagem foi construída na defesa dos camponeses e na luta contra uma tirânica ditadura militar —, dois primos se digladiam pelo espólio político do avô, um dos fundadores do PSB.

Essa herança estava destinada a um dos netos de Arraes, Eduardo Campos, morto em acidente aéreo quando tentava alçar seu voo mais alto, a Presidência da República, em 2014. Ao filho dele, o jovem João Campos, foi dada a missão de conduzir os projetos políticos da família. Mas sua prima de segundo grau, Marília Arraes (Solidariedade), que não aceitara o

poder dado a Eduardo, também rechaçou aliar-se a João.

Nestas eleições, Marília mostra-se disposta a tomar o Palácio das Princesas, enfrentando Danilo Cabral, nome apoiado pelo PSB do primo e pelo PT, partido do qual se desfilhou.

O oráculo do Ipec mostrou, na semana passada, que Marília lidera a marcha pelo poder com apoio de 33% dos eleitorado. A colocação de Cabral, com apenas 11% das intenções de votos, aponta para a derrota da Casa dos Campos em outubro. Outros três também se animaram para disputar o poder, e arremetam, cada um, 11% do eleitorado, rigorosamente empatadas com Cabral: Raquel Lyra (PSDB), Miguel Coelho (União Brasil) e Anderson Ferreira (PL). O sobrenome Arraes, porém, ainda paira acima de todas as disputas.

## Duas ameaças após 27 anos

Comandado há 27 anos pela Ordem Tucana do PSDB, o mais rico e poderoso dos reinos da Terra Brasilis está sob fogo cerrado de forças invasoras, tanto à esquerda quanto à direita. O Palácio dos Bandeirantes, cidadela até então inexpugnável do tucanato, resiste ao fogo de dois comandantes de forças antagônicas: Fernando Haddad, com o estandarte da Bandeira Vermelha e o apoio de Lula; e Tarcísio de Freitas, da emergente aliança conservadora-religiosa ligada ao poder central de Bolsonaro.

Enfraquecido pelas disputas internas, o tucanato se escora no nome do atual governador, Rodrigo Garcia, para manter intacta a cidadela de São Paulo. Os invasores, porém, estão cada vez mais perto das muralhas do Palácio dos Bandeirantes. E, se os

oráculos se confirmarem, o pavilhão do PSDB poderá cair antes de Haddad e Tarcísio se digladiarem na batalha final.

As tropas do comandante Haddad, por enquanto, são as que mais força demonstram para derrubar o governo da Ordem Tucana. As pitonissas do Ipec, na consulta da última quinta-feira, mostram o candidato da Estrela Vermelha com 34% de chances de tomar o Palácio dos Bandeirantes, seguido pelas forças de Tarcísio, com 23%.

Mas, para Garcia, a guerra não está perdida: com 19% de apoio dos súditos do estado, o PSDB mantém erguidas as paliçadas para tentar barrar o ataque dos adversários e conta com os adeptos de sempre para defender o domínio do Palácio dos Bandeirantes.

# Disputa pelo voto divide pentecostais

A disputa pelo voto cristão por Jair Bolsonaro (PL), candidato à reeleição, e por Luiz Inácio Lula da Silva (PT) está rachando as igrejas evangélicas. Enquanto as cúpulas das denominações abraçaram o bolsonarismo e tentam influenciar o voto dos fiéis, evangélicos jovens e de baixa renda rompem com grandes congregações e declaram apoio ao petista. Jovens, mulheres e eleitores de periferia, onde Lula se sai melhor, lideram o movimento. Há, ainda, casos de fiéis que, cansados do debate político, se afastaram dos cultos.

Na avaliação do diretor do Observatório Evangélico, Vinicius do Valle, as igrejas evangélicas passam por um "efeito bumerangue" nesta campanha. Ele confirmou que o apoio a Bolsonaro por pastores e a politização dos cultos têm afastado o público. "Muitos deixaram de ir aos cultos, e tivemos uma reação dos fiéis demonstrando desconforto com a discussão eleitoral nos templos.

O evangélico quer ver seus valores na política, mas não concorda com a campanha eleitoral nas igrejas", observou.

Ao mesmo tempo que a diferença nas pesquisas eleitorais entre os dois candidatos mais bem colocados na disputa presidencial cai no segmento, coordenadores das campanhas intensificam as agendas com líderes e eleitores evangélicos. Nas últimas semanas, Lula se encontrou com religiosos, na Região Metropolitana do Rio. Bolsonaro participou de culto do pastor Silas Malafaia, um de seus apoiadores, na capital fluminense.

## Rompimento

Do lado dos fiéis, há reclamações sobre o uso político da religião. Eles reclamam do desvio da finalidade das igrejas e de tentativas de imposição de voto por pastores que apoiam Bolsonaro.

Uma das insatisfeitas é a ativista Débora Amorim, de 34

Isac Nóbrega/PR



Silas Malafaia em evento do governo Bolsonaro. Ele assegura que não indica o voto no presidente

anos. Desconfortável com a politização da igreja que frequentava, a Metodista, rompeu com a congregação. Ela foi criada em tempos evangélicos e, agora, integra o coletivo Novas Narrativas Evangélicas.

O grupo tem fiéis de diferentes denominações protestantes. Foi criado para defender a liberdade

do voto. Uma das suas estratégias é a produção e divulgação de conteúdo nas redes sociais. Nas últimas semanas, lançou as palavras de ordem *#LivePraVotar* e "Deus não tem candidato".

Para Débora, como a maioria dos evangélicos é formada por mulheres pretas e de periferia, é esse o público simpático

à candidatura de Lula. Segundo ela, a tentativa de imposição de valores morais por parte dos pastores midiáticos e de consolidação de uma única narrativa como "o caminho para a salvação" tem afastado parte dos fiéis.

Um dos idealizadores do movimento, o advogado Daniel Wanderley destacou que existem

inúmeros "crentes" dispostos a construir e expressar "novas narrativas evangélicas". "São pessoas que estavam sofrendo represálias e diversos desafios dentro de suas comunidades à medida que o bolsonarismo foi se apropriando e instrumentalizando a fé evangélica. O movimento evangélico é muito mais plural", explica.

Dani Marinho, 24, evangélica da Igreja Batista do Caminho, foi criada "dentro da Universal" — liderada por Edir Macedo, apoiador de Bolsonaro. "Sempre houve a influência da política na igreja, mas hoje está mais escancarada. Há uma tentativa de imposição de um candidato", afirma.

Os evangélicos representam 31% da população (cerca de 65 milhões de pessoas), segundo pesquisa Datafolha de 2020. De acordo com o Censo Brasileiro, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 60% (25,3 milhões) dos evangélicos eram pentecostais. Pesquisas mostram que a diferença entre o Lula e Bolsonaro tem recuado, embora permaneça grande. A mais recente rodada do Ipec, de 19 de setembro, mostrou o presidente em estabilidade, com 48% das intenções de voto entre evangélicos. Lula cresceu seis pontos (32%).